

ORIENTAÇÕES PARA O PROCESSO DE INSERÇÃO DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Inserção: mais que chegar, acolher!

Se em décadas atrás a família era considerada a única responsável pela educação e o cuidado da criança, nos últimos anos tem sido cada vez mais frequente e cedo o compartilhamento dessa tarefa junto ao Estado. Uma das questões que surge decorrente dessa mudança, diz respeito a entrada da criança e sua família na instituição de educação infantil, e conseqüentemente, incide sobre a composição de novos relacionamentos em um espaço que é de convívio coletivo.

O ingresso da criança na Educação Infantil, geralmente, é a primeira transição do ambiente doméstico/ privado para o público/institucionalizado. Esta mudança traz repercussões na sua vida, pois de uma convivência e cuidados exclusivos da família, com um ou mais adultos à sua disposição, a criança passa a viver num ambiente que privilegia as interações e a coletividade, com dinâmica de funcionamento própria e diferenciada da família.

À vista disso, torna-se imprescindível refletir e planejar estratégias para, de forma cuidadosa, fomentar o início de novos relacionamentos entre as crianças, suas famílias e as profissionais. Sobretudo, se considerarmos que este é um momento peculiar de separação temporária entre criança e família, que exige o estabelecimento de confiança entre estes e as profissionais da unidade educativa.

Importa ainda considerar, que esse processo relacional não se inscreve somente aos que chegam novos à unidade educativa no início do ano, mas incide também sobre as crianças que já fazem parte da instituição, em decorrência das novas e ou reiteradas composições e configurações dos agrupamentos de adultos e crianças que ocorrem a cada ano. Observa-se, também, que a inserção pode ocorrer a qualquer momento do ano letivo, seja pela possibilidade de qualquer tempo haver o ingresso de uma nova criança e sua família, seja pela ocorrência de trocas internas de crianças entre os agrupamentos, ou ainda, pelo retorno de crianças à unidade após longos afastamentos.

Estas são situações que, pelas suas diversidades e complexidades, exigem o esforço da equipe pedagógica para articular e organizar estratégias para acolher e apoiar relações que se (re) iniciam intermitentemente.

Sabemos que o tema da inserção não é novo para a Educação Infantil, mas a forma de organização e realização desse processo é ainda um desafio permanente para as profissionais da área. E são várias as questões que se colocam: como lidar com esse momento de separação temporária da criança-família? Como iniciar relações de confiança com as famílias no compartilhamento da educação dos bebês e das crianças pequenas? O que propor às crianças de modo a favorecer uma inserção mais tranquila? Como proceder com as sensações de insegurança e medo que muitas famílias e crianças sentem diante da separação temporária? As crianças que já frequentaram a instituição em anos anteriores devem ter também um processo diferenciado de atendimento no início do ano?

Essas e outras questões apontam para a importância da organização e do planejamento do ingresso ou reingresso das crianças na instituição, tendo em vista que as formas de recepcioná-las e atendê-las nos primeiros dias da inserção, assim como seus familiares, marcará de forma significativa a composição das relações educativo-pedagógicas.

Nesse sentido, o presente documento insere-se num conjunto de orientações que visam contribuir para o processo de inserção nos contextos educativos, sob a perspectiva de reafirmar o direito das crianças a uma especial atenção durante seu processo de entrada ou retorno à educação infantil. Pois, quer seja de forma reiterada a cada ano letivo ou pela primeira vez, todas as crianças devem ser respeitadas em seus direitos fundamentais.

Considera-se, assim, que o documento *Crítérios para um atendimento em creche que respeite os direitos fundamentais das crianças* (BRASIL, 2009) subsidia as orientações aqui apresentadas, sobretudo na afirmação da criança como sujeito de direitos e na busca comprometida da qualidade no atendimento à educação infantil.

Tendo em vista o exposto, o presente documento, cujo objeto centra-se em apresentar orientações básicas para o planejamento do processo de inserção das crianças na educação infantil, está dividido em três partes: introdução, apresentação das implicações semânticas do termo inserção, e por fim as orientações pontuais para o planejamento e organização do processo de inserção.

Das implicações semânticas e enunciativas do termo INSERÇÃO

Na bibliografia especializada não há consenso em relação ao termo utilizado para identificação do período de ingresso da criança na instituição. Comumente aparecem: *adaptação*, *acolhimento* e *inserção*. Como se sabe, a escolha do termo revela concepções sobre as crianças e o modo de condução do trabalho das profissionais nesse processo. Neste sentido, é necessário estar atento às palavras de modo a compreender e assumir sua semântica de forma enunciativa e intencional, visto que estas revelam e orientam a ação pedagógica.

O termo *adaptação* é o mais conhecido, e foi por muito tempo utilizado de forma consensual na área. Todavia, já há algum tempo, estudos na área da Pedagogia e da Psicologia, tecem críticas evidenciando as contradições deste em relação às novas concepções da Educação Infantil. Segundo o dicionário Aurélio (2004,) o termo *adaptação* quer dizer ação ou efeito de adaptar-se; tornar apto; fazer com que uma coisa combine convenientemente com outra; acomodar, apropriar; ajustamento de um organismo, particularmente do homem, às condições do meio ambiente. Ou seja, associa-se à ideia de subordinação (neste caso, dos pais e das crianças às normas da instituição).

A palavra *acolhimento* refere-se ao ato de acolher, refúgio, amparo, hospitalidade, receber com agrado. Não se restringe a um momento específico, visto que serve de orientação para uma postura permanente da relação educativa com bebês, crianças pequenas, profissionais e famílias.

Por sua vez, o termo *inserção* significa o ato de inserir, que quer dizer introduzir, incluir (-se) num conjunto, integrar, intercalar, fazer parte de (um contexto). Considera-se que o termo é mais amplo e possibilita reconhecer o caráter processual desse momento, bem como a ação ativa dos que deste fazem parte. Ou seja, ao mesmo tempo em que ocorre a separação gradual da criança com a família, mediada por um adulto profissional, também acontece um processo de construção e ampliação de uma nova rede de relações; novos relacionamentos e construção de vínculos.

Se entendermos que a Educação deve promover o desenvolvimento integral da criança, e que “o processo de desenvolvimento é sempre concretizado no aqui-agora das situações, nas e por meio das interações sociais, e envolve uma co-construção a partir das interações, isto é, de ações partilhadas e independentes, articuladas por uma coordenação

de papéis” (AMORIM, VITÓRIA e ROSSETTI-FERREIRA, 2000, p.05), as ações de acomodação ou ajustamento presentes na ideia de adaptação não correspondem com tal perspectiva. Já o ato de acolher, de atender de maneira respeitosa e cuidadosa é algo que deve fazer parte do dia-a-dia do trabalho na Educação Infantil, especialmente nos primeiros dias da criança na instituição, não demarcando a especificidade desse momento.

A opção e orientação pelo termo *inserção* juntamente com as implicações teórico-metodológicas advindas do mesmo se justifica pelo entendimento de que integrar-se num grupo pressupõe tornar-se parte dele, incluir-se, sendo que a criança não apenas se acomoda, mas integra-se ativamente, interfere na sua composição.

A inserção é um processo rico de encontros e exige das profissionais constante atenção, a fim de poderem encorajar e facilitar essa nova e importante experiência vivida pelas crianças e seus familiares. Nesse processo, cada criança manifesta seus sentimentos de maneira própria, o que exige a elaboração de um planejamento que privilegie o direito à atenção individual, ao mesmo tempo em que auxilie a criança a estabelecer novas relações e vínculos afetivos.

Assim, é importante estar atento para algumas orientações que servem para sustentar, apoiar e qualificar o atendimento às crianças, famílias e profissionais no processo de entrada das crianças na Educação Infantil.

Algumas orientações gerais:

Planejamento:

- O processo de inserção envolve o planejamento de múltiplas estratégias para sustentar o início das relações entre profissionais, crianças e famílias no âmbito da Educação Infantil. O planejamento destas estratégias necessita do envolvimento de todos e da reflexão contínua por parte das profissionais. Considera-se ainda, que as ações necessitam ser documentadas e socializadas entre a equipe pedagógica.
- **As ações planejadas precisam considerar a posição das famílias** e ser flexíveis quanto a rotinas e horários para as crianças durante o processo de inserção.

- O planejamento do processo de inserção deverá ser contemplado no Projeto Político Pedagógico das unidades, e tratado na Reunião Pedagógica no início do ano.

Relação com as famílias:

- As famílias necessitam ser consideradas parceiras no processo de inserção. Contudo, às vezes é a primeira vez que elas vivem este processo. Por isso, é preciso uma postura de acolhimento por parte de todas as profissionais, e o planejamento de ações para conhecer, informar e trocar experiências com elas.
- Ressalta-se que as crianças têm direito à presença de um de seus familiares na unidade de educação infantil durante seu processo de inserção, e que essa permanência e acompanhamento necessitam ser negociados a partir da necessidade das crianças e possibilidades da família. Assim, é importante solicitar que um familiar (pode ser pai, mãe, irmã/o mais velho, tio/a primo/a avó, avô ou até um vizinho/a ou amigo/a próximo da família que tenha vínculo afetivo construído com a criança) acompanhe a criança nos primeiros dias de frequência na instituição, negociando as possibilidades de tempo de permanência e turnos. É importante salientar que o papel da família não é substituir as ações das profissionais, mas sim, conhecer a dinâmica de funcionamento e auxiliar a criança a estabelecer uma relação de confiança frente aos desafios desse novo espaço.
- É preciso prever ações que apoiem e incentivam a continuidade do aleitamento materno, especialmente aos bebês ingressantes do G1. As profissionais devem informar às famílias que a unidade de educação infantil apoia a continuidade do aleitamento materno e que a mãe poderá vir a qualquer momento na unidade para amamentar seu filho ou sua filha, bem como, poderá enviar o leite materno extraído manualmente. Esta ação deve envolver a parceria com os profissionais dos postos de saúde, enquanto política inter-setorial de atenção à infância, bem como, com as nutricionistas que acompanham as unidades.
- Organizar reuniões com as famílias ingressantes nas unidades de educação infantil, após o processo de matrícula, no final do ano letivo, de forma a

informá-las sobre o processo de inserção e proporcionar informações que as auxiliem na organização familiar, durante as férias, para o início do ano letivo. As unidades que atendem G1 podem convidar um profissional do posto de saúde para dar informações sobre o aleitamento materno.

- Organizar novas reuniões no início de ano com as famílias das crianças novas e das crianças que já fazem parte da instituição, destacando a importância do processo de inserção e o porquê de algumas estratégias e intervenções, como horários diferenciados de atendimento entre os grupos nos primeiros dias e a permanência de um familiar com a criança. Podem, ainda, serem organizados outros encontros com as famílias (individuais ou coletivas), no decorrer do ano, para avaliar o processo de inserção.
- Após os primeiros dias de inserção, ainda que as profissionais e famílias avaliem em comum acordo não ser necessária a permanência de algum familiar na unidade educativa para acompanhar a criança, as famílias devem ficar de sobreaviso, caso seja necessário à unidade fazer contato.
- Organizar espaço para acolhimento da família, disponibilizando fotos, vídeos e material informativo sobre a importância do processo de inserção e outros temas relevantes da Educação Infantil, como: alimentação, brincadeira, mordida, sono, sexualidade, desenvolvimento infantil, projetos realizados na instituição, Projeto Político Pedagógico – PPP.

Composição dos Agrupamentos de crianças e adultos:

- A constituição do vínculo afetivo é um aspecto importante para composição da vida coletiva nas instituições de educação infantil, e as profissionais possuem um papel importante neste processo. Neste sentido, orientamos que elas possam acompanhar seus grupos de um ano para o outro. Ou seja, orientamos que **prioritariamente, uma das profissionais do ano anterior acompanhe o grupo no ano seguinte**. Esta orientação visa respeitar a constituição do vínculo da criança e do grupo, especialmente as de 0 a 3 anos.

- Orienta-se que os grupos de bebês e crianças bem pequenas sejam atendidos, prioritariamente, por professor/as e professor/as auxiliares com carga horária de 40 horas na unidade.

Organização do atendimento no início do processo de inserção:

- Com o objetivo de possibilitar espaço e tempo para que as profissionais, as famílias e as crianças possam se conhecer de forma mais atenta e próxima, organizar horários de **atendimento individualizado** às crianças e suas famílias, no primeiro dia para os grupos de período integral e nos dois primeiros dias para os grupos de período parcial, respeitando os seus turnos de atendimento. Para tanto, é preciso: a) organizar e dividir os horários individualizados ao longo de todo o período de atendimento (para os grupos de período integral das 7:30 às 18:30 e para os grupo de período parcial das 7:30 às 13:00 /ou das 13:00 às 18:30)¹ b) Agendar com as famílias os seus respectivos horários, na reunião com as famílias ou via telefone, antes do primeiro dia de atendimento; c) considerar que a presença da criança é imprescindível, pois trata-se de um dia letivo, organizado de forma singular face as características e particularidade da faixa etária; d) planejar o espaço de forma acolhedora às crianças e às famílias, e) elaborar questões para obtenção de informações importantes acerca da vida da criança e seu contexto social², f) preparar informações que ajudem as famílias a conhecer o trabalho pedagógico desenvolvido pela unidade, g) registrar as informações sobre cada criança, h) estabelecer ações de aproximação com a criança durante este primeiro encontro.

¹ Observa-se que as profissionais do grupo não precisam estar necessariamente todas presentes, visto que possuem horários diferenciados de trabalho. Todavia é imprescindível o planejamento prévio e compartilhado entre elas acerca: do espaço para receber famílias e crianças, das informações a serem socializadas com as famílias, da postura acolhedora frente às crianças e seus familiares, das questões a serem pesquisadas com as famílias sobre a vida da criança.

² Importante eleger questões que possam auxiliar as profissionais no (re) conhecimento inicial das crianças. No entanto, este primeiro encontro não deve se caracterizar como uma “entrevista formal”. Neste sentido, as profissionais devem evitar questões que podem ser respondidas pelas fichas de inscrição e aproveitar o tempo deste primeiro encontro para obter outras informações que possam fazer diferença no estabelecimento da relação inicial das crianças com a unidade.

- Para o G1, G2 e G3 organizar pequenos grupos com atendimento de duas a três horas em diferentes horários do dia ou período, no segundo e terceiro dias letivos, ou terceiro e quarto dias letivos para as unidades de atendimento parcial, **em acordo com as famílias**.
- A partir do quarto dia, ou quinto dia para as unidades de meio período, ampliar gradativamente o tempo de permanência das crianças novas do G1, G2 e G3, considerando os indicativos das crianças em comum acordo com as famílias. Possibilitar às crianças do G2 e G3 que já frequentavam a unidade e que não manifestam reações adversas, atendimento normal a partir do quarto dia, ou do quinto dia nas unidades de atendimento parcial.
- Às crianças do G4, G5 e G6, atendimento reduzido no segundo dia, ou terceiro nas unidades de meio período. A partir do terceiro dia, ou quarto dia nas unidades de meio período, atendimento normal às crianças que não apresentarem reações ou manifestações de estranhamento ou desconforto. As que apresentarem tais manifestações, ampliar gradativamente o tempo de permanência na unidade em comum acordo com as famílias.
- Convidar um familiar para acompanhar e permanecer na unidade educativa com a criança. É preciso diálogo com as famílias para planejar atuação delas e das profissionais neste processo de inserção das crianças e **definir em comum acordo** com as mesmas o tempo de permanência na unidade educativa.
- O olhar atento das profissionais é fundamental na avaliação diária, possibilitando, em comum acordo com as famílias, ampliação gradativa do tempo de permanência das crianças no contexto educativo, pois algumas crianças poderão inserir-se com mais facilidade, podendo permanecer em período integral ou parcial mais rapidamente que outras.
- Planejar o processo de inserção de crianças que se matriculam durante o ano letivo, considerando as orientações deste documento, ou seja, primeiro dia de entrevista com a família e criança, redução do tempo de permanência na unidade nos primeiros dias, presença e participação de um familiar nos primeiros dias. Além disto, considera-se importante planejar ações que considere as alterações da composição relacional dos grupos a cada nova inserção.

- Os horários de entrada e saída das crianças na instituição, bem como a duração do processo de inserção, não podem ser iguais para todas elas, tendo em vista as suas singularidades. É preciso considerar as que estão ingressando e sentem-se bem, as que já que frequentavam e não manifestam desconforto ou, ainda, as que se sentem inseguras; buscando equilíbrio entre a proposta dos profissionais e a disponibilidade das famílias.
- A ampliação gradual da jornada diária das crianças na unidade ajuda-as para que conheçam o novo ambiente de forma gradativa e tranquila, bem como possibilita que as profissionais conheçam de modo mais atento às crianças em seus modos particulares de se relacionar consigo, com os outros e com o novo ambiente.

Atenção para as manifestações comunicativas e expressivas das crianças:

- O choro não é a única manifestação de estranhamento por parte da criança. Outras reações podem ser identificadas, como por exemplo: recusa ou ansiedade na alimentação, vômitos, dificuldade no sono, apatia, febre, isolamento, irritabilidade. É preciso estar atento a estas diversas manifestações, acompanhando-as juntamente com as famílias.

Organização da instituição:

- Organizar as salas com diferentes possibilidades para que as experiências ocorram simultaneamente, como por exemplo: áreas com chocalhos, livros, brinquedos; área para os bebês engatinharem; área com blocos de montar; espaço nas mesas para materiais de manipulação; área aconchegante com colchonetes, tapetes, almofadas. O espaço organizado pode atrair o interesse e a curiosidade das crianças, deixando-as mais à vontade para explorarem o novo ambiente.
- Considerar os costumes que a criança tem em casa, quanto aos cuidados específicos para dormir, comer ou usar o banheiro, respeitando-os na transição gradativa de reconhecimento dos modos de cuidado e educação no espaço coletivo.

- Permitir que a criança leve para a instituição objetos de casa, tais como: brinquedos, fotos, paninhos, chupetas, pois representam relações de afeto e familiaridade a ela.

Quadro Geral da Organização do Atendimento no processo de inserção

Data	Grupos	Ação	Observação
Dezembro, após processo de matrícula	Famílias de crianças novas	Reunião informativa sobre o processo de inserção, com orientações pontuais que auxiliam a organização das famílias antes do início do ano letivo de 2018.	Nas unidades que possuem G1, convidar profissional do posto de saúde ou nutricionista do Departamento de alimentação escolar, para tratar da continuidade do aleitamento materno na unidade.
Fevereiro, antes do início do ano letivo	Todas as famílias	Reunião com as famílias.	Organizar explicações sobre o processo de inserção, agendar o atendimento individual.
1º dia letivo Para os grupos de período integral ou 1º e 2º dias letivos para os grupos de período parcial	Todos os grupos	Atendimento individualizado, com a presença da criança e da família. Realização de entrevista e a primeira aproximação da criança com os profissionais.	Esta ação de entrevista e de primeiro contato individual da criança com os profissionais deve ocorrer com a inserção de crianças ao longo do ano, preferencialmente na Hora Atividade.
2º, 3º e 4º dias letivos para grupos integrais; 3º, 4º e 5º dias letivos para grupos parciais	G1, G2 e G3	Atendimento em horário reduzido, com o grupo dividido em pequenos subgrupos, ao longo do dia ou período.	Em acordo com as famílias e com a presença de um familiar.
5º dia para os grupos integrais	G1, G2 e G3	Ampliação do horário	Para as crianças que já são da unidade e que não apresentam estranhamento, possibilitar horário normal

2º dia letivo para grupos de período integral ou 3º dia letivo para os grupos de período parcial	G4, G5 e G6	Atendimento de meio período ou reduzido, para os grupos parciais.	Em acordo com as famílias. Convidar o acompanhamento de um familiar para as crianças novas.
3º dia letivo ou 4º dia letivo para os grupos de período parcial	G4, G5 e G6	Atendimento Normal. Para as crianças que manifestam desconforto ou estranhamento, atendimento reduzido, ampliado gradativamente em acordo com as famílias.	

Diretoria de Educação Infantil – Florianópolis, 2017.

Referências Bibliográficas

AMORIM, Katia de Souza; ROSSETTI-FERREIRA Maria Clotilde, VITORIA Telma. Rede de significações: perspectiva para análise da inserção de bebês na creche. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742000000100006&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 04 nov. 2010.

Saiba mais...

AMORIM, Katia de Souza; ROSSETTI-FERREIRA Maria Clotilde, VITORIA Telma (ET alli) (org.) Os fazeres na educação infantil. 8ªed. São Paulo: Cortez, 2006.

AMORIM, K. de S., VITÓRIA, T., ROSSETI-FERREIRA, M. C. Rede de significações: perspectiva para análise da inserção de bebês na creche. Cadernos de Pesquisa, nº 109, São Paulo, mar. 2000.

BOVE, Chiara. Inserimento: uma estratégia para delicadamente iniciar relacionamentos e comunicações. In: GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn. Bambini: a abordagem italiana à educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 134-149.

MANTOVANI, Suzana; TERZI, Nice. A Inserção. In: BONDIOLI, Anna; MANTOVANI, Suzanna. Manual de Educação Infantil: de 0 a 3 anos. 9ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 173-184.

BRASIL, - Critérios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças.MEC. Brasília:2009 Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/direitosfundamentais.pdf>> Acesso em: 20 nov. 2017.

AMORIM, K. de S., VITÓRIA, T., ROSSETI-FERREIRA, M. C. Rede de significações: perspectiva para análise da inserção de bebês na creche. Cadernos de Pesquisa, nº 109, São Paulo, mar. 2000.

Vídeo: CINDEDI

<https://www.youtube.com/watch?v=CfIcUOUS0tg>